



EDITORIAL

Dr. João Ghizzo Filho¹

O uso de cigarro eletrônico por adolescentes é um problema de saúde pública.

O mercado de cigarros eletrônicos cresceu muito desde que foram introduzidos em 2007. Eles também são conhecidos como vape, pod ou e-cigarros, são dispositivos em que seus usuários inalam aerossóis gerados a partir do aquecimento de um líquido interno, podendo conter diferentes substâncias em sua composição, dentre elas a nicotina. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) 16% dos adolescentes de 13 anos já utilizaram vape, se levar em conta os jovens com 15 anos, o percentual sobe para 32%. No Brasil, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 17% dos adolescentes entre 13 e 17 anos já disseram ter experimentado cigarro eletrônico. De acordo com os estudos o uso dos dispositivos está associado à saúde mental dos jovens e mostraram que a depressão, sentimento de solidão e o estresse são fatores agravantes para o uso desses cigarros eletrônicos. Assim também, o vício de longo prazo não é a única preocupação relacionada ao uso de vape em adolescentes, há relatos crescentes de consequências para a saúde em curto e longo prazo, afetando o sistema respiratório e cardiovascular, entre outros problemas. Além disso, o cigarro eletrônico mais novos têm entre 30 e 50 mg/ml de nicotina, o que é maior do que a encontrada em um maço de cigarros tradicionais. Levando se em consideração que, os adolescentes são mais suscetíveis ao vício em nicotina, não têm compreensão e não reconhecem que é a nicotina que os torna viciados e não percebem a facilidade para se tornar dependentes e o quão difícil é deixar de usar. Em consequência, os adolescentes que iniciam com cigarros eletrônicos têm maior probabilidade de passar a usar cigarros combustíveis convencionais, colocando-os em risco de muitos danos causados pelo uso de cigarros.

A indústria conseguiu criar e comercializar um produto que é atraente para os adolescentes, com visuais elegantes, com sabores desejáveis, com ótima aceitabilidade, fornecendo nicotina com eficiência crescente, criando a dependência e resultando no uso indiscriminado entre os jovens. Na última década, os cigarros eletrônicos contendo nicotina surgiram como a modalidade de entrega de tabaco e nicotina mais popular entre os adolescentes. A Agência Nacional de Vigilância Sanitária-Anvisa mantém a proibição de fabricação, importação, comercialização e propaganda de cigarros eletrônicos no Brasil desde 2009 e também inclui o uso de dispositivos eletrônicos para fumar em ambientes coletivos

¹Diretor de publicações da ACM. Editor.



fechados, públicos ou privados. Por outro lado à venda de cigarros eletrônicos a menor de idade é punida com detenção de 2 a 4 anos e multa, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente. Portanto a legislação estabelece regulamentos que evitam a propaganda e as vendas para jovens, bem como reduzem o acesso a esses produtos. Apesar da proibição, o uso de cigarros eletrônicos no Brasil é uma realidade.

Em relação às medidas de intervenção para a diminuição de uso de vape entre os jovens torna se importante o controle da depressão, sentimento de solidão, estados emocionais negativos e o estresse que são fatores agravantes para o uso de cigarros eletrônicos. A abordagem do tema nas escolas utilizando discussão em relação ao abandono do uso de vape pelos adolescentes serve como lembretes de um compromisso inicial e fornecem suporte para a mudança de comportamento diretamente ao jovem. Assim como a intervenção preventiva orientando estratégias saudáveis de estilo de vida, abordando os fatores de risco que contribuem tanto para o uso de vape eletrônicos quanto para os problemas de saúde mental.

O mercado de cigarros eletrônicos continua a evoluir de forma atraente para os jovens, é momento de agir para regular esses produtos e reduzir o uso de vape e o vício da nicotina. A falta de políticas abrangentes que regulem os cigarros eletrônicos estimula as condições de mercado que permitem a rápida evolução de novos produtos e o uso de cigarro eletrônico por adolescentes continua sendo um problema de saúde pública.

Boa leitura! Editor da revista Arquivos Catarinenses de Medicina